PLACAR EXTRA

DOCUMENTO HISTÓRICO

22 ANOS DE PELÉ

O NOSSO REI

Lembram-se do menino do Baquinho? Não, ninguém se lembra — a não ser Dondinho, a não ser Celeste, a não ser os irmãos Valdemar de Brito, que o descobriu.
Ou os companheiros que ele ainda foi rever, muitas e muitas vezes. Lembram-se do menino que fez o gol contra o País de Gales, em 1958?
Todos os brasileiros — até os que não viram, os que não ouviram — se lembram.
Lembram-se de tudo: do bi em 62, da amargura de 66, do tri em 70.
Alegrias, revelações, mágoas — quem não se lembra do que foi a véspera do tri?
Nós nos lembramos, sim, daquela camisa 13 que todos nós vestimos. Pois é isto: talvez só agora, no fim, se tenha descoberto essa identidade de Pelé com o que somos.
Um Pelé bem-comportado? Sim. Um Pelé em plena e constante liberdade de criação.
Limitado, é certo, pelas quatro linhas de um campo.
Vivendo nessa escassa dimensão — para isso foi gênio — o nosso próprio desejo de liberdade e de criação. Bem-comportado, esse moleque.
Pois não andou abraçando reis, cumprimentando presidentes? É. Mas quem abraçou quem? Eles, seguramente. Eles todos abraçaram o filho de Dondinho, o crioulo Pelé, o pai do mulato Edinho.

As imagens da carreira de Pelé ajudam a dizer tudo isso. Na alegria do gol, no salto das comemorações. No sorriso, nas lágrimas, até na raiva, o Pelé que surge das fotos e bem nós.
No Baquinho. No Santos. Na Seleção. Enfim no Cosmos. É mais que um rei. É o nosso Rei.

O PRINCÍPIO

1

O ACROBATA

O MOLEQUE

2

1. No Baquinho, de Bauru, o primeiro uniforme. 2. Em 1956, já no Santos, o garoto que nasceu para ser Rei. 3. Em 1958, cara de menino. Mas com um futebol de homem.

3

O HOMEM

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Sílvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz Costa
Diretor de Publicações Masculinas: Oswaldo de Almeida Filho

PLACAR

REDAÇÃO
Diretor: Jairo Régis
Redator-Chefe: João Rath
Chefe de Reportagem: José Carlos Kfouri
Fotógrafos com trabalhos aproveitados nesta edição: Manoel Motta, Lemyr Martins, José Pinto, Pedro Henrique, Luiz Carlos Serra, Rodolpho Machado, Luiz Paulo Machado, Geraldo Guimarães, Adhemar Veneziano, Carlos Namba, Sebastião Marinho, Zeka Araújo, Fernando Pimentel, Antônio Andrade, Célio Apolinário, JB Scalco, Yllen Kerr, Darci Trigo, Jorge Guimarães
Agências: Abril Press, AE, AJB, AFP AP, AG, Manchete Press
Arte: Afonso Luís Grandjean Pinto (chefe), Walter Mazzuchelli, Nélson Alves, Sérgio Prado Martins, José Luís Nogueira Ohi, Geraldo Barros (texto), Jurandir Xavier Chamusca (produção gráfica)

Diretor de Publicidade: Sérgio Rosa

Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria
Assessor: Sérgio Oliva

4

4. Contra o Fluminense de Altair, uma versão da habilidade: a rapidez para fugir aos perigos da marcação violenta. E uma certa elegância, até na queda. 5. Dois meninos: o novato Pelé e o Garrincha sempre criança, na iniciação da glória. Foi gol contra a Suécia, era o Brasil praticamente campeão na Copa de 1958. 6. Antes, a emoção não fora tanto dos jogadores. Fora do mundo todo, ao ver surgir — num gol perfeito, contra o País de Gales — o maior jogador da História. 7. Em 1968, no Maracanã, com a Rainha Elizabeth, da Inglaterra. Foi num jogo entre paulistas e cariocas. Pelé ia perdendo sua timidez, assumindo sua majestade.

O REIZINHO

5

A REVELAÇÃO

6

A REALEZA

7

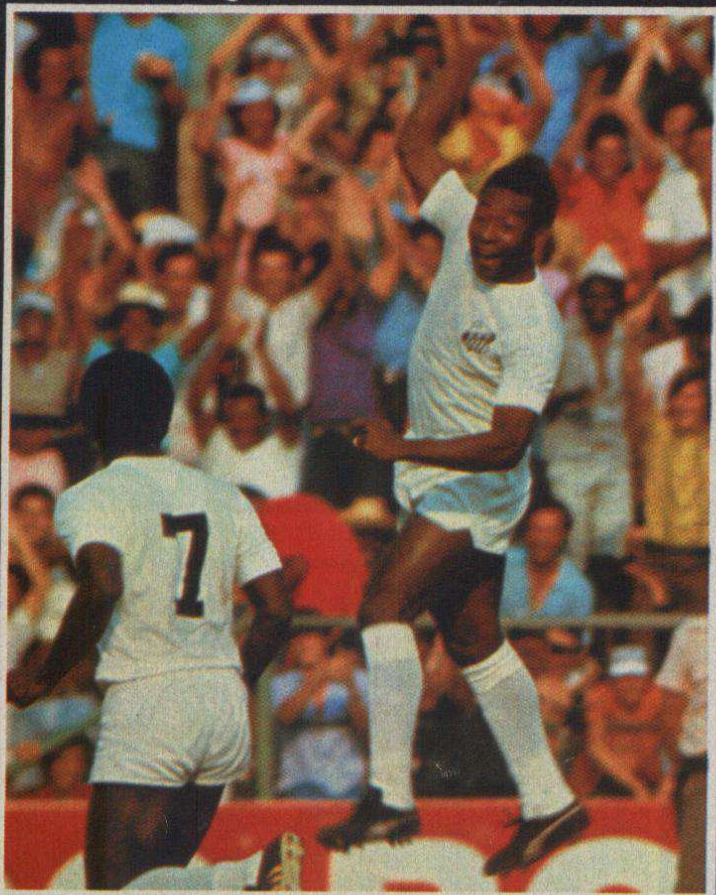
A VIBRAÇÃO

1

O GOL

2

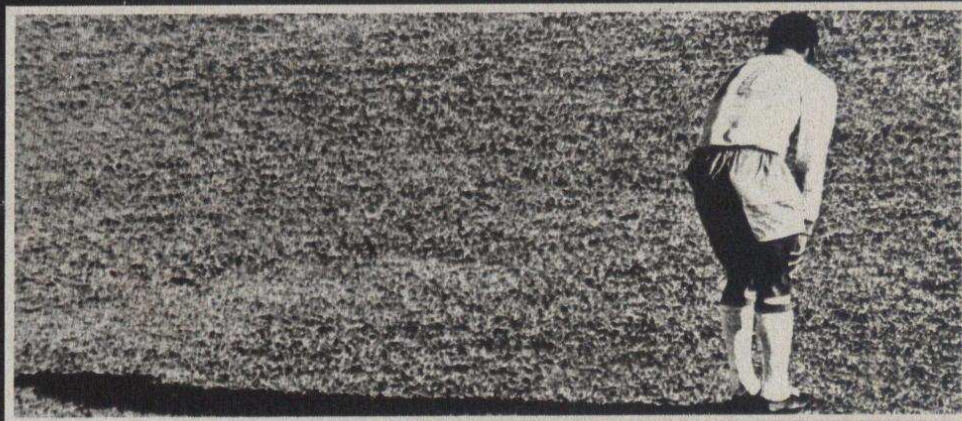
O OPORTUNISMO

3

O IMPROVISO

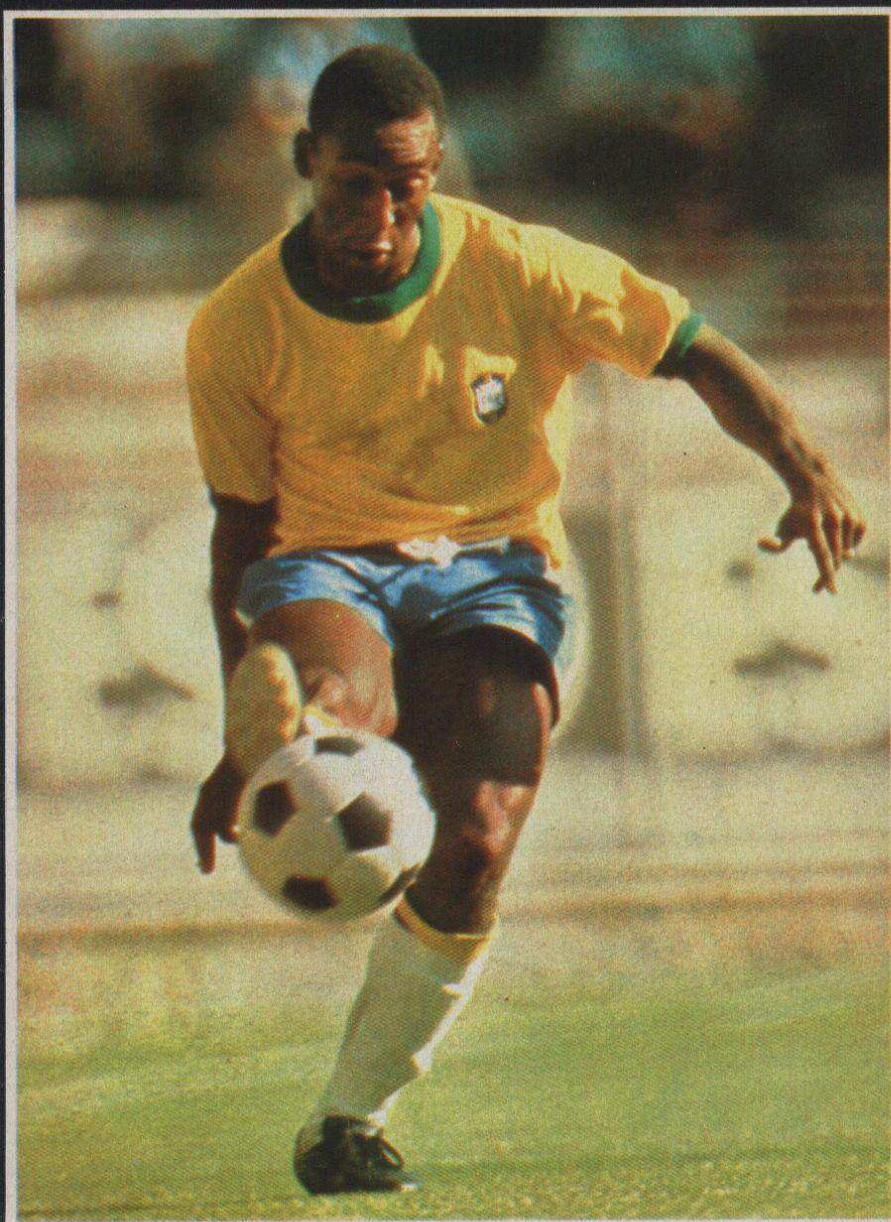
1. O gesto repetido mais de mil vezes. O futebol em toda a sua força de comunicação. 2 e 3. Contra o Benfica, em 1963, mais um título mundial. Com Pelé, o Santos conquista pela primeira vez o campeonato interclubes: é o maior time do mundo, vivendo os esplendores da Era Pelé. E os europeus descobrem que os velhos sistemas de marcação não funcionam: não há esquema para conter o improviso, para segurar uma inexcedível vocação de artilheiro. 4. Em 1963, contra o Grêmio, pela Taça Brasil. Com Gilmar expulso, Pelé foi defender com as mãos a vitória que ajudara a conquistar com os pés. Era a versatilidade do atleta perfeito que despontava, a perfeição de reflexos que se comprovava.

4

O IMPACTO

5

A SOLIDÃO

6

O CHUTE

9

A TORCIDA

7

A SOLIDARIEDADE

8

5. Contra o México, seu primeiro jogo e seu único gol na Copa de 1962. 6. No jogo seguinte, contra os checos, Pelé sofreria a distensão na virilha que o afastou do restante do Mundial. E chegou a alimentar a esperança dos adversários. 7. Fora dos jogos, foi torcer pelo Brasil. 8. Enfim, a alegria do bi num dolorido abraço. Amarildo, na raça, substituíra o Rei. Lutara, fora caçado pela defesa — e não comprometera. Quando corria para abraçá-lo, Pelé voltou a sentir a distensão. Mas a empolgação — no abraço, no sorriso — foi maior que a dor. 9. Ele voltaria, em outros jogos, em outras Copas, a usar a camisa da Seleção. E quem não tremeria ao vê-lo, com a bola dominada, pronto para o chute?

A CELEBRIDADE

1

O FIEL

2

A PETULÂNCIA

1. Em 1965, Robert Kennedy — que se preparava para disputar a presidência dos Estados Unidos — fez questão de descer aos vestiários do Maracanã para cumprimentar Pelé. Foi um desses momentos em que a imagem do apolítico Pelé serviu às intenções dos políticos. Robert Kennedy tinha como um de seus compromissos eleitorais a luta contra a segregação racial. 2. Casados há pouco, Pelé e Rose recebem, no Vaticano, a bênção de Paulo VI. 3. A genialidade de Pelé se fez, também, de uma aplicação constante, de uma atenção fora do comum a todos os lances do jogo. Nem os juízes escapavam à sua vigilância implacável. E, às vezes, sucumbiam à sua malícia e sua catimba.

3

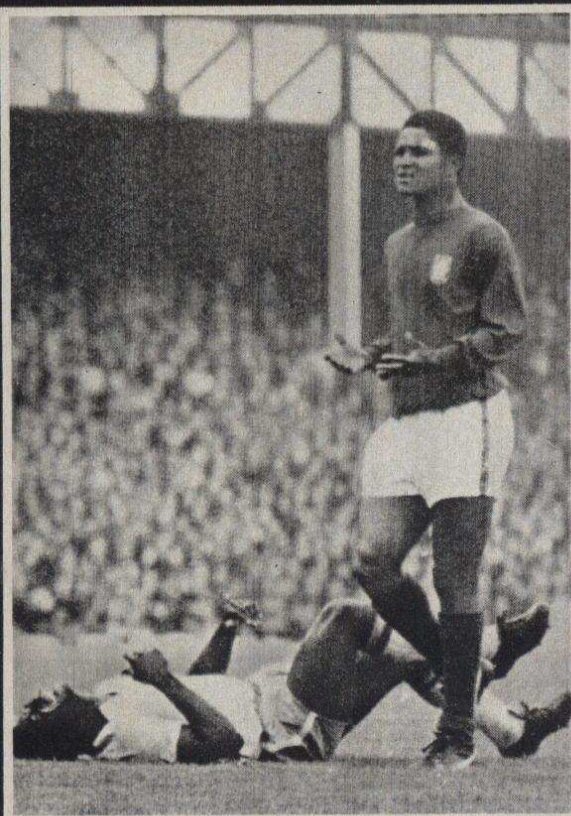
A VÍTIMA

4

A MARCAÇÃO

5

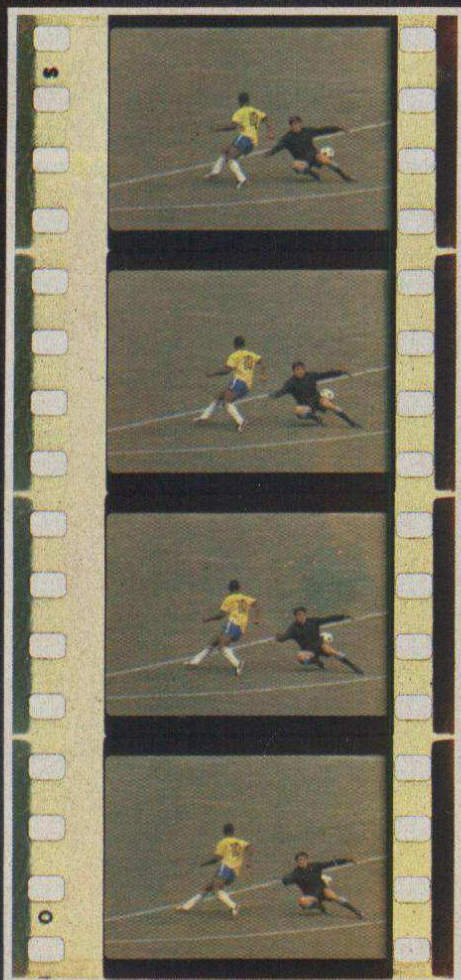
O RESPEITO

6

4. Na Copa de 1966, seu momento mais triste: ferido, aos pés de Eusébio — o jogador que surgia como candidato ao mesmo trono do futebol mundial. Dessa vez, não houve consolo: fora de jogo, Pelé suportou a amargura de ver o Brasil numa de suas piores atuações em campeonatos mundiais.
5. Já em 1965, enfrentando os alemães no Maracanã, sofrera a marcação múltipla e impiedosa. Mas saíra inteiro.
6. Mas, nesse dia terrível de 1966, ao deixar o campo, Pelé só teria um consolo: a proteção policial, bem à moda inglesa: um agasalho para suportar o frio.
7. Foram mais de cem jogos pela Seleção Brasileira. A formação, a espera pelo início da partida não tiravam a sua naturalidade: era tudo rotina, tão tranqüila como a certeza de que, a cada jogo, haveria o lance do gênio.

A ROTINA

7

1. O grande gol que Pelé não chegou a fazer. Primeiro, a corrida para a área. Depois, o drible em Mazurkiewicz, uruguaio que chegou a ser um dos maiores goleiros do mundo. Finalmente, a conclusão e a bola escorrendo junto à trave. Foi na Copa de 1970. Mas Pelé precisava ter feito esse gol?
2. Na final da Copa, os italianos param para ver a cabeçada fulminante. Pelé provava seu vigor, posto em dúvida pouco antes do Mundial.
3. A comemoração que virou marca: o salto, o soco no ar.
4. Contra a Inglaterra, a perfídia indispensável. No chão, o inglês. E para o mundo a imagem de um Pelé prestativo e solidário. Na verdade, Pele torcia-lhe o pé: uma arte para inglês ver e aprender.

O SALTO

2

A DIFERENÇA

5

A MARCA

3

O DRIBLE

1

A PERFÍDIA

4

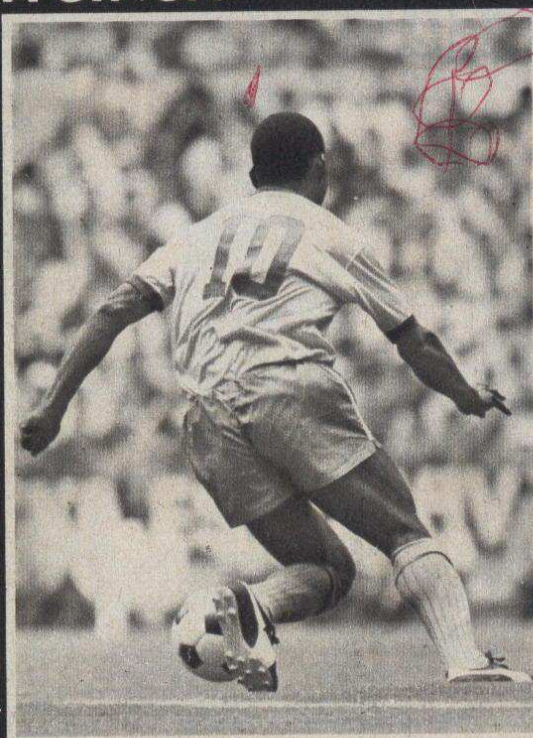
A CONSAGRAÇÃO

6

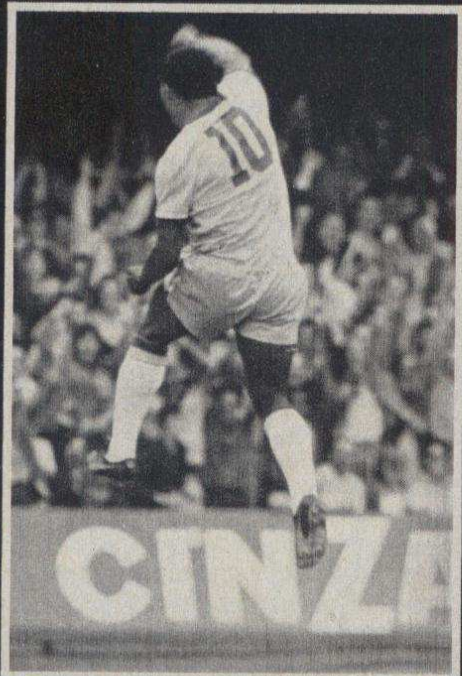
A INJUSTIÇA

7

A GINGA

8

5. Nessa Copa de 70 como em todos os jogos de Pelé pelos campos do mundo, a repetição de um confronto com resultado invariável: só um nome ficou guardado como símbolo dessa camisa 10. 6. Um abraço de Tostão, Jairzinho e Piazza. E o Brasil inteiro chorava, na conquista do único tricampeonato mundial. 7. O momento da humilhação. Durante os preparativos para o Mundial, Pelé foi para a reserva. Ele ainda jogaria por sete anos — e, no entanto, proclamavam que seu futebol estava acabado. Por isso, a Copa seria para ele o maior desafio. Mas a descrença e até as vaias acabaram funcionando como um incentivo. A resposta veio com a Taça. 8. Enfim, o crioulo Pelé: a inteligência e a classe em tempo de ginga. Ele e a bola, na cadência exata: uma balé único, que acabaria sendo visto e aplaudido pelo mundo inteiro.

1

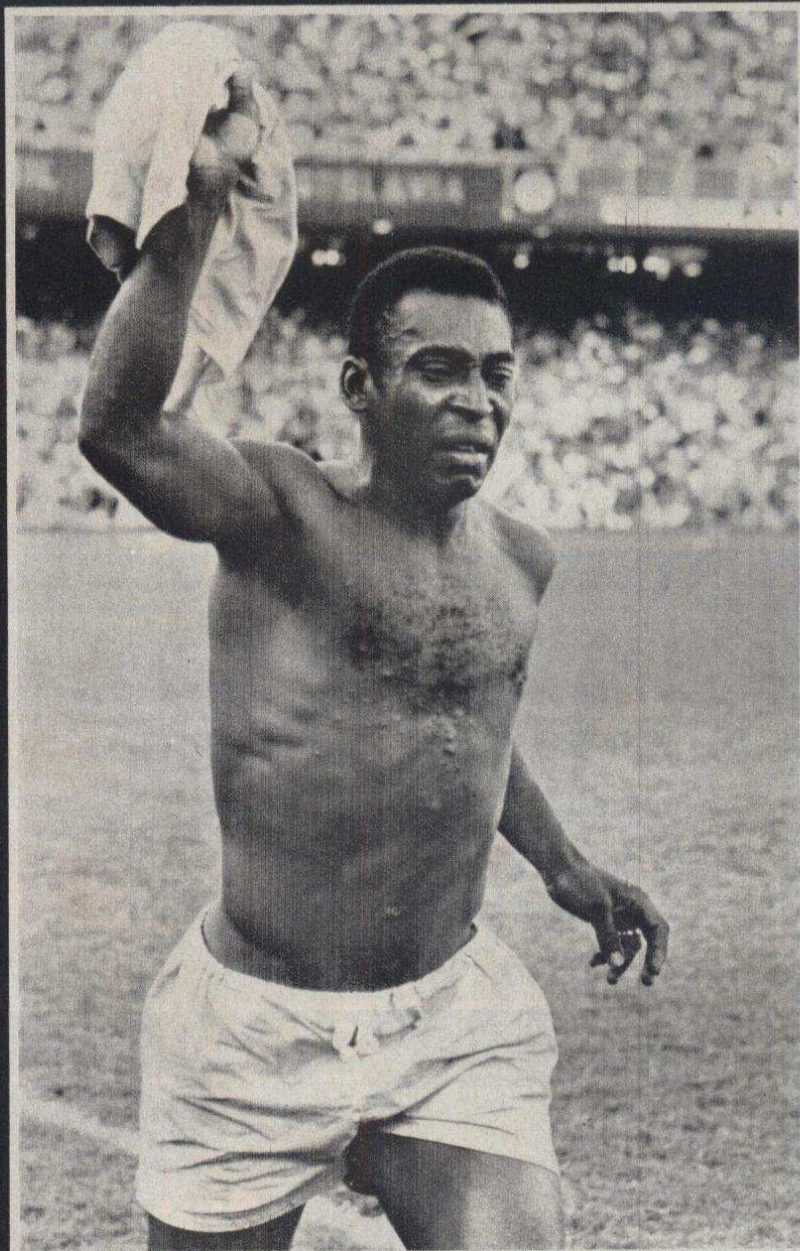
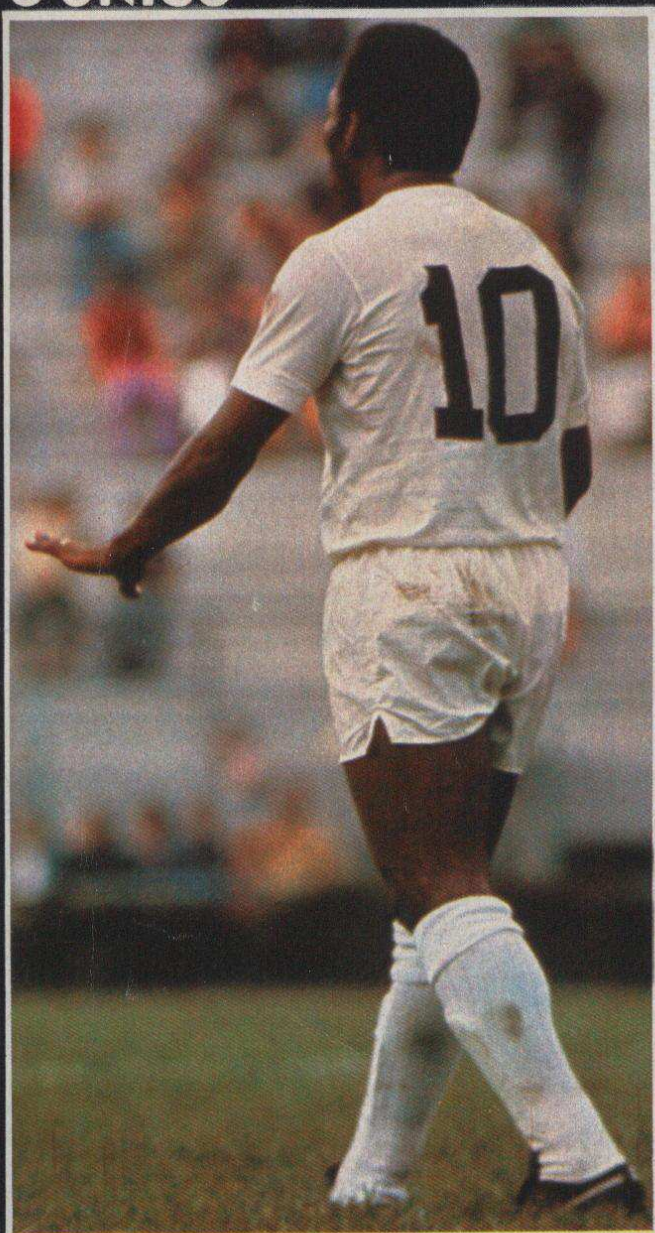
A COMUNICAÇÃO A SIMPATIA

2

3

1. No mesmo dia em que o homem chegava pela segunda vez à Lua, Pelé era manchete dos jornais. Foi num jogo com o Vasco, em 1969, Maracanã superlotado. E foi a própria torcida carioca que exigiu — e aplaudiu — o gol de número 1 000. Feito de pênalti — uma honra para o goleiro Andrada. 2. Pela última vez, São Paulo vê Pelé jogando pela Seleção Brasileira. E é a torcida paulista que o vê fazendo seu último gol com a camisa amarela, ante a Seleção da Áustria. O gesto da comemoração em toda a sua força de comunicção, imitado pela massa.
3. Com a camisa de Placar, com a Bola de Prata — conquistada *hors concours* —, com a camisa dos mil jogos, completados no Suriname.

A EMOÇÃO

4. Mesmo fora do lance de emoção, a imagem inconfundível: um Pelé tranqüilo na sua infinita categoria.
5. A emoção fora do lance: Pelé, em 1971, vai deixando o Maracanã. O povo grita, por todo o estádio: "Fica, fica, fica . . ." O Rei acena com a camisa lendária, na primeira de suas gloriosas despedidas. O adversário era a Seleção da Iugoslávia.
6. Em 1973, conquistando para o Santos o último — e décimo — campeonato Paulista da Era Pelé. Foi um título dividido com a Portuguesa — graças à má aritmética de Armando Marques. Mas só o Santos de Pelé se achou no direito de comemorar.

O ÚNICO

4

5

A FIDELIDADE

6

A MALÍCIA

1

A MALANDRAGEM

2

A DESPEDIDA

3

A BICICLETA

4

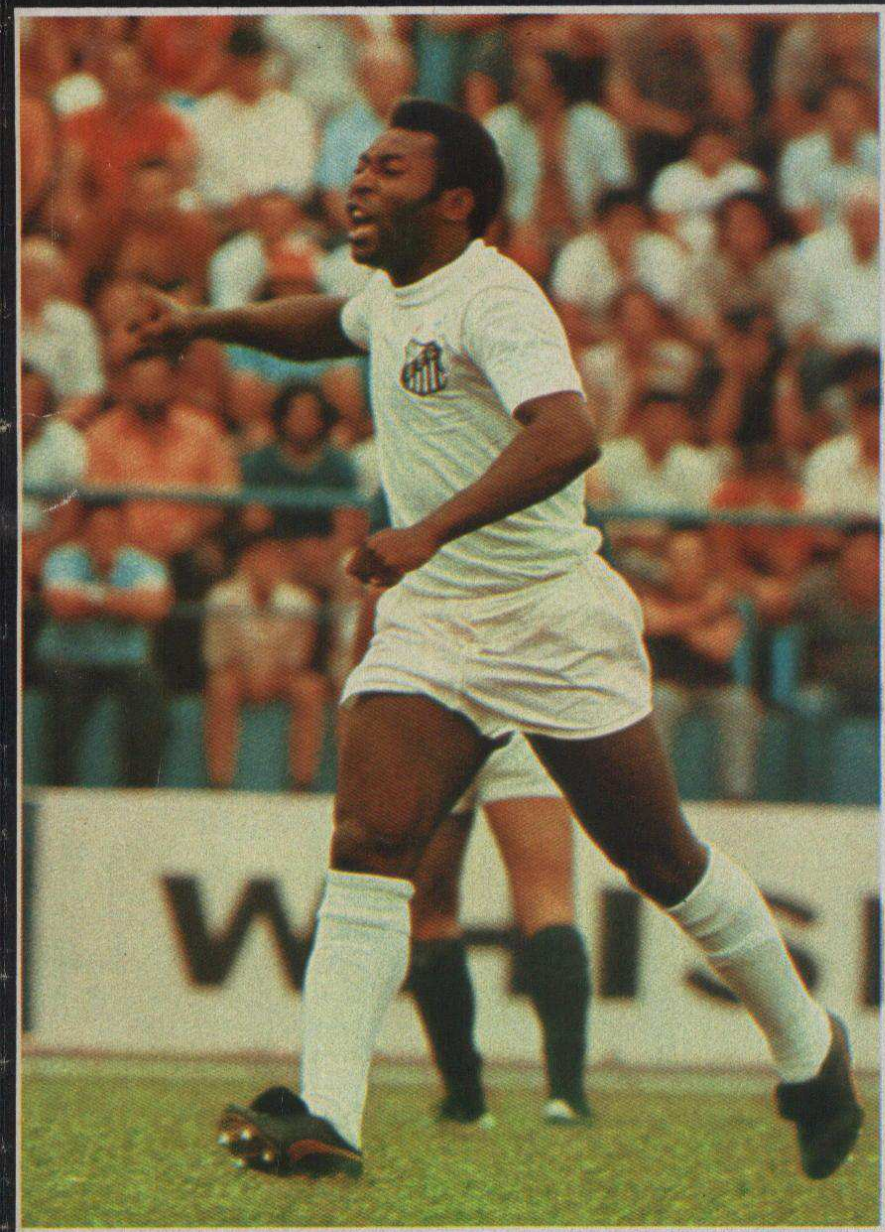
O PIQUE

1. A elegância impondo-se sempre, no gesto fácil, no reflexo rápido. Mesmo no lance violento: a corrida continua, o domínio da bola também: e o revide está aí, Pelé atingindo o zagueiro do Vasco que tentou conter sua arrancada. 2. Caído, o Rei segura Adaílton, em jogo contra o São Paulo. 3. Aí já não é a violência; é a emoção. E o gesto surge, ainda uma vez, espontâneo, desafiando o ridículo. É no jogo com a Ponte, a segunda das despedidas. O adeus ao Santos, em 1974. 4. Outra surpresa: a bicicleta perfeita. 5. No pique, a revelação do atleta.

5

O PÁSSARO

A RAIVA

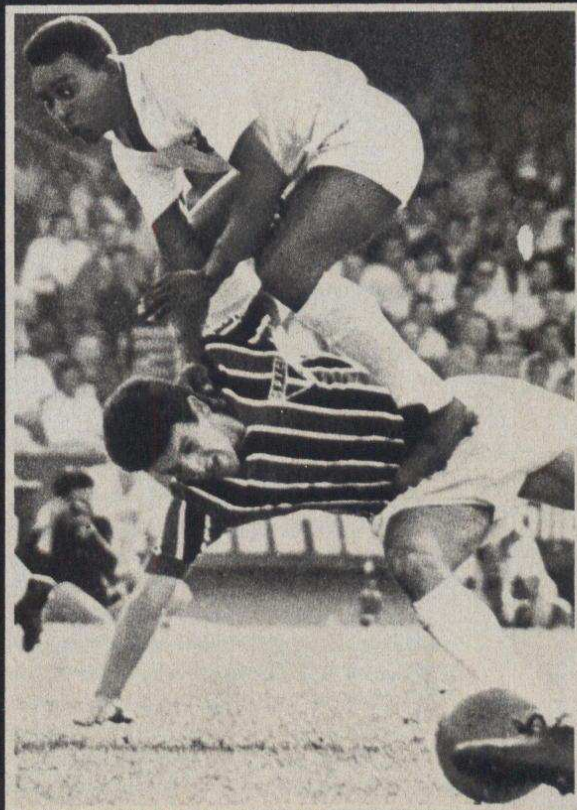
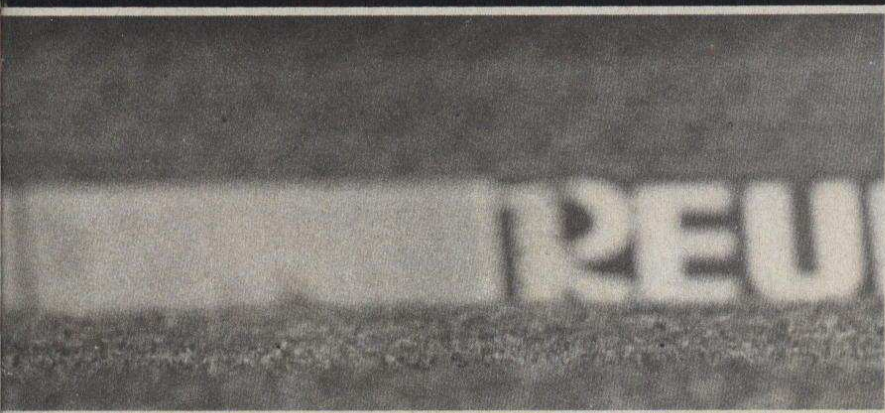
6

6. Em seu último ano de Santos, enfrentando o Guarani: a mesma vontade de vencer, a mesma indignação ante o lance perdido. 7. Um pássaro caído: essa foi uma cena repetida em muitos jogos. A força dos zagueiros não perdoava a liberdade do artista Pelé. 8. No Estádio Nacional de Tóquio, uma aula de futebol para meninos japoneses. Pelé voltaria ainda aos campos, jogando pelo Cosmos. 9. Incrível: a agilidade, a brincadeira, a atenção — o olhar sempre na bola.

O PROFESSOR

8

A DESENVOLTURA

9

7

A LIDERANÇA

1

O REENCONTRO

2

A EXCEÇÃO

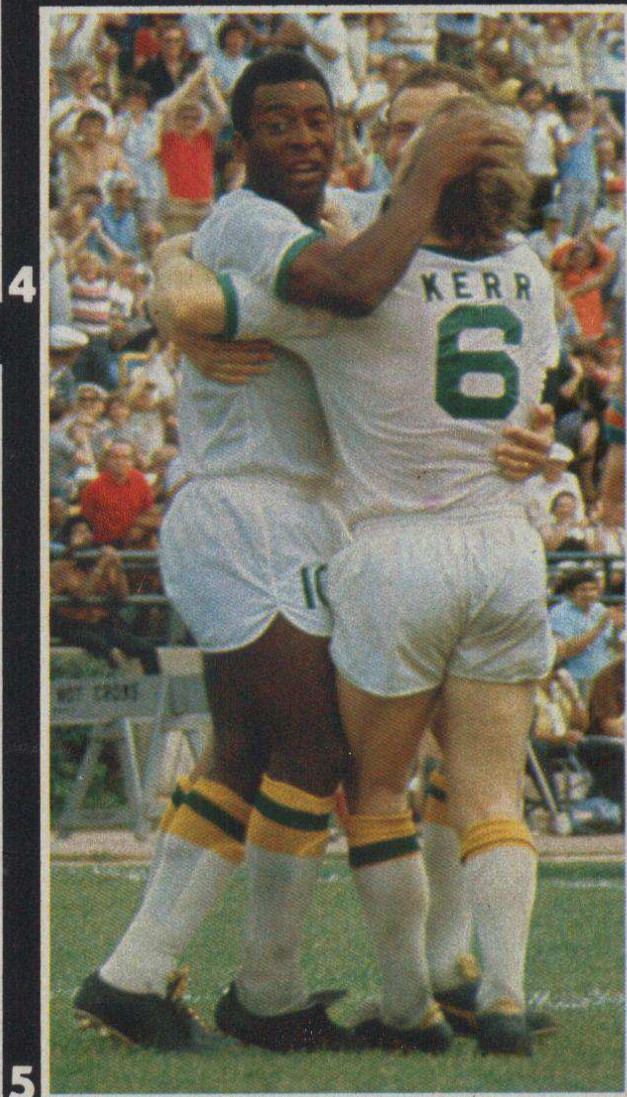
Começando uma nova carreira, impondo uma velha liderança. Pelé foi para o Cosmos para jogar durante três anos — e para fazer do futebol um esporte americano. Era o derradeiro desafio — e ele venceu. 2. Nos meses finais do último ano de futebol, ele parecia renovado. Esforçava-se para recuperar a forma antiga, preparava-se para mostrar, no fim, o vigor dos primeiros tempos. E até os gols voltaram. 3. Um instante raro; é Pelé quem recebe o autógrafo. Mais uma vez, ele foi à Casa Branca, dessa vez para trazer, na bola americana, a assinatura de Jimmy Carter. Daí, ele partiria para a conquista do campeonato dos Estados Unidos.

3

A PROTEÇÃO

4

4. Após mais de 21 anos de futebol, Pelé ainda era capaz de vencer sem dificuldade a dupla marcação. De proteger, mais que a bola, o desenvolvimento do próprio lance. Aí, ele vai tirando da jogada Santiago Formoso, do Connecticut Bicentennials. Atrás de Pelé e à sua esquerda, um veterano aprende a lição: é Bobby Thomson, técnico e jogador do Bicentennials. 5. Às vésperas da despedida final, um jogo de muitas proezas. Foi contra o Lauderdale Strikers. No difícil gramado sintético do Giants Stadium, Pelé por três vezes rompeu o cerco dos marcadores. E fez todos os gols da vitória do Cosmos, por 3 a 0. 6. Só faltava completar a temporada, seguir comemorando gols, inventar um novo palco para o esporte que ele converteu em arte.

O FENÔMENO

5

O ARTISTA

6

POR TUDO O QUE PELÉ REPRESENTOU PARA A IMAGEM DO NOSSO PAÍS, DA NOSSA GENTE, DO NOSSO ESPORTE -EM TODO O MUNDO- TEMOS QUE ESTAR PRESENTES NESTE MOMENTO HISTÓRICO E SOMAR A NOSSA VOZ À DE MILHÕES DE BRASILEIROS: OBRIGADO, PELÉ!